

Unicamp reúne maiores referências do País e do exterior na pesquisa em microplásticos

Curso internacional de 1 a 11 de setembro visa formar profissionais para enfrentar poluição plástica

Da Redação

Cientistas de diferentes países e regiões brasileiras se reunirão em Campinas entre 1º e 11 de setembro para debater os desafios da poluição plástica, durante a sessão da Escola São Paulo de Ciência Avançada (ESPCA) em Microplásticos. Organizado pela Unicamp e pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), o evento busca auxiliar estudantes a compreender um dos desafios ambientais mais urgentes da atualidade, sob uma perspectiva estruturada e fundamentada na Ciência.

Ao longo de 11 dias, serão realizadas palestras, aulas teóricas e práticas, apresentações de trabalhos de pesquisa, tutorias de especialistas para o desenvolvimento de projetos sobre a temática por mais de 100 estudantes do Brasil e de outros países e uma visita ao Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais (Cnpem). Baseadas em uma perspectiva multidisciplinar, as atividades abordarão os seguintes temas: ciência dos micro e nanoplasticos; ocorrência e o monitoramento dos micro e nanoplasticos



FERNANDO FRAZÃO/AGÊNCIA BRASIL

Microplástico vindo do mar coletado na areia da praia de Botafogo, Rio de Janeiro

na água doce e no ambiente marinho; as interações com outros poluentes e os impactos nas espécies vivas e no ambiente; os desafios e avanços nas técnicas de detecção e análise de microplásticos; os esforços regulatórios atuais, como as negociações para a implementação de um tratado internacional de combate à poluição plástica.

“A Escola é um marco na pesquisa de microplásticos na América Latina, pois reunirá cientistas que são referências nacionais e internacionais no

estudo da temática e a nova geração de especialistas para discutir as perspectivas mais atuais em relação a soluções para a poluição plástica”, resalta Cassiana Montagner, docente no Instituto de Química da Unicamp e coordenadora da ESPCA em Microplásticos.

O vice-coordenador da Escola, Walter Waldman, docente do Departamento de Física, Química e Matemática da UFSCar, também destaca a importância da ESPCA em Microplásticos o conhecimento dos estudos sobre a temática

que estão sendo realizados no Brasil e para a integração entre jovens cientistas locais e de outros países. “A Escola auxilia cientistas do Brasil a se inserirem no debate global sobre esse tema, contribuindo para a formação de uma rede e para a internacionalização da pesquisa realizada no país”, complementa o docente.

Entre os conferencistas que participarão da Escola está Richard Thompson, professor de Biologia Marinha e diretor do Instituto Marinho

da Universidade de Plymouth (Reino Unido). Com mais de 30 anos de atuação nessa temática, Thompson é considerado o acadêmico responsável por cunhar o termo “microplásticos” e é reconhecido pelo desenvolvimento de pesquisas que mapearam a amplitude da sua presença no planeta e apresentaram evidências dos impactos da poluição plástica em espécies e habitats.

Thompson salienta a relevância do tema. “Minha equipe foi a primeira a descrever microplásticos há cerca de 20 anos, e desde então temos demonstrado que os microplásticos literalmente contaminam nosso planeta, dos polos ao equador, dos oceanos mais profundos até perto do cume do monte Everest. Na verdade, os microplásticos estão agora no ar que respiramos, na água que bebemos e na comida que comemos.”

A proposta da criação da ESPCA em Microplásticos surgiu dentro das ações do projeto temático de pesquisa apelidado de Plast-Agrotox, também financiado pela Fapesp, que investiga como microplásticos e agrotóxicos se dispersam, interagem e afetam diferentes compartimentos ambientais como água, solo, chuva, sedimentos e organismos vivos.

Contêiner vira câmera escura com visita gratuita

Da Redação

Um contêiner foi transformado em uma grande câmera escura na instalação “as MARIPOSAS e a LUZ”, da artista visual e pesquisadora Ana Angélica Costa. A proposta convida o público a experimentar, de forma prática, como a luz participa da formação de imagens, em uma experiência que une arte, ciência e percepção.

A obra poderá ser visitada gratuitamente em Campinas em dois locais e períodos diferentes. A primeira temporada será na Unicamp, de 31 de agosto a 13 de setembro, das 10h às 16h, ao lado do Teatro de Arena, na Praça do Ciclo Básico (Rua Sérgio Buarque de Holanda, s/n, Cidade Universitária, Campinas). Em seguida, o projeto chega ao CEU Mestre

Alceu, no Jardim Florence, entre 22 e 27 de setembro.

A instalação funcionará diariamente, das 10h às 16h, incluindo fins de semana e, na temporada da Unicamp, o feriado de 7 de setembro. Durante todo o período, uma equipe educativa acompanhará os visitantes com conversas sobre luz, fotografia, paisagem, percepção e o processo de formação das imagens. O projeto também prevê recursos de acessibilidade, como rampa adaptada para o interior do contêiner. Nas oficinas, haverá intérprete de Libras mediante solicitação prévia no formulário de inscrição, ampliando o acesso do público às atividades.

A instalação integra uma pesquisa desenvolvida há mais de duas décadas por Ana

Angélica Costa sobre câmeras obscuras, câmeras artesanais e dispositivos de produção de imagens. O trabalho faz parte de seu doutorado no Instituto de Artes da Unicamp, com apoio da CAPES, e foi contemplado pelo Fundo de Investimentos Culturais de Campinas (FICC 2024), na área de Multilínguas.

A programação especial inclui oficinas, performance-laboratório, teatro de sombras experimental e atividades inclusivas, como a oficina tátil “Transformando Luz e Sombras em Relevo”.

Há ações com vagas limitadas e algumas datas específicas, como as performances com Hellen Audrey e Guga Costa, reforçando o caráter formativo e participativo do projeto.



DIVULGAÇÃO/ANA ANGÉLICA COSTA

Projeto foi contemplado pelo Fundo de Investimentos Culturais de Campinas